

Cibermãe: uma viagem tecnológica através da literatura

Mestre em Letras. Danielle de Paiva Lopes¹ (USP)

Introdução

Este trabalho propõe discutir as contribuições tecnológicas para a literatura e as relações intersemióticas entre letra e imagem no livro juvenil *Cibermãe*, de Alexandre Jardin. São abordadas algumas questões como linguagem verbal e não-verbal e analfabetismo visual. O impacto da imagem para o texto literário é investigado no livro, já que facilita alguns conceitos da área tecnológica para o leitor. A fundamentação teórica parte de alguns estudiosos como Donis A. Dondis, Lúcia Pimentel Góes e Lúcia Santaella.

1-O Ciberespaço

O livro de Alexandre Jardin é uma viagem pelos clássicos, tendo a tecnologia como suporte. Antes de discutir a viagem das personagens, vale ressaltar a importância que o espaço virtual ganha em *Cibermãe*. Ao analisar o próprio título, observamos que esse neologismo (ciber + mãe) carrega em si tanto a questão principal do enredo (o desaparecimento da mãe) quanto a presença de um espaço virtual. O prefixo *ciber-* é oriundo da palavra **Cibernética** (ing. *Cybernetics*), “a ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle nos organismos vivos e também nas máquinas”¹. Em outras palavras, trata, por exemplo, da relação entre o cérebro e qualquer dispositivo eletrônico, que substitua membros humanos.

Há dois espaços no livro: o virtual e o não-virtual. Neste, há uma família, composta pelo viúvo Arthur e os três filhos: Lili, Felix e César. O pai resolve armazenar na memória do computador tudo o que guarda da esposa falecida (Lúcia): fotos, vídeos, fitas. Ao acreditar fielmente no poder de armazenamento da máquina, ele desfaz-se do material, já que este vinha se deteriorando pelo tempo. Segundo um vizinho e amigo, Zeig, as fotos não sofreriam quaisquer danos no novo espaço, por este ser atemporal.

No espaço virtual, ou **Ciberespaço**, as personagens entram num universo novo. Nele, elas livram-se do peso carnal, penetrando na máquina através do cérebro. Dessa forma, coexistem junto aos outros seres virtuais. Nesse novo espaço tudo é possível, inclusive o armazenamento da memória da mãe. No entanto, as informações não estão totalmente protegidas, já que „não há totalidade sem fissuras”². É, assim, como o organismo vivo, passível de falhas, devendo o ser humano atentar para isso.

Ao entrarem literalmente na máquina, as crianças enfrentam obstáculos próprios desse mundo, como um **hacker**. Jones, uma espécie de **cibervilão**, apaixonado pela falecida Lúcia,

¹ FERREIRA, Aurélio. *Miniaurélios: Dicionário da língua portuguesa*, p. 233.

² SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço*, p. 126.

rouba os arquivos da mãe das crianças. Por conta disso, essas personagens embarcam numa viagem extraordinária, enfrentando uma importante prova: a de coexistirem nos dois universos do livro, para resgatarem a memória da mãe.

Não se deseja criticar esses dois espaços, mas mostrar, com na **Cibernética**, a existência de uma comunhão entre o virtual e o não-virtual, pois um contribui de forma a auxiliar o outro na narrativa. Na verdade, isso já é possível, por exemplo, através da internet. A máquina troca informações entre as pessoas, que estão do outro lado da tela do computador. Nota-se a comunicação entre o organismo vivo (o pai e o vizinho Zeig) e a máquina (o computador Ulisses), para reaver essas informações perdidas.

No livro, nota-se a reunião, num único espaço, de milhares de informações, como ocorre, por exemplo, com Cd's ou Dvd's atualmente. Em relação a *Cibermãe*, o pai Arthur, na ilusão de que o **Ciberespaço** guarda informações de forma segura, desfaz-se de todos os materiais da mulher. De fato, a máquina encadeia o problema, perdendo os arquivos. No entanto, no final da história, ela ajuda as crianças a retornarem ao mundo não-virtual. Assim, a proposta do livro é mostrar a utilidade do espaço virtual para o ser humano, desde que caiba ao homem a consciência de a máquina ser algo falível.

2-A linguagem das representações verbais e não-verbais: imagens em *Cibermãe*

Como estudar o que nós já conhecemos? A resposta a essa pergunta encontra-se numa definição do alfabetismo visual como algo além do simples enxergar, como algo além da simples criação de mensagens visuais. O alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível de universalidade.³

Cibermãe é um espaço híbrido. A reunião de representações verbais e não-verbais levam o leitor a interagir com a história, de forma inteiramente nova, fazendo referência aos clássicos da literatura universal. Segundo Maria Auxiliadora Baseio, há

seguramente a explosão de imagens que solicitam a atenção do leitor em *Cibermãe*, cores, formas, aparatos virtuais, intertextos diversos, podem tirar o leitor de dentro de si mesmo, mas, por outro lado, também podem levar ao verdadeiro encontro, ao tecer com os múltiplos fios, a rede de seu auto-conhecimento, retirando do caos uma nova ordem.⁴

Desde os primórdios, o homem serve-se dos utensílios para suas necessidades, não

³ DONDIS, A Donis. *Sintaxe da linguagem visual*, 1997, p. 227.

⁴ BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. *No vaivém ,da lançadeira: o retorno do sagrado na literatura infantil/juvenil*, 2000, p. 99.

apenas vitais, mas também artísticas. As diversas formas de expressão (verbal ou não-verbal) mostram o aflorar da sensibilidade, em relação a tudo o que rodeia o homem.

O homem vem adquirindo essa nova forma de perceber o meio em que vive com a imagem e a escultura. Através delas, os seres humanos criam diferentes formas de manifestação. É, pois, um exemplo de olhar, distante de paradigmas impostos, aberto ao novo, ao movimento de criar em ação. „A informação visual é o mais antigo registro da história humana“⁵ e é através do olhar que a juventude desperta para a leitura das imagens nos livros. Atualmente, a linguagem verbal é constantemente enriquecida com contribuições dos meios eletrônicos. Dessa forma, apre(e)nde-se a realidade, em que os seres humanos vivem, de modo novo, como a (re)descoberta do ato de ler.

Em *Cibermãe*, texto e imagem podem ser grandes aliados da aprendizagem tecnológica das crianças e (por que não?) dos adultos. Através do olhar, o leitor percebe o grande panorama de signos, como imagens fotográficas e os textos-imagem, compondo uma imensa explosão híbrida de ícones.

A linguagem visual é um processo multidimensional e simultâneo. Numa grande velocidade, a visão transmite ao cérebro milhares de informações, num contato direto com o exterior, sem mediações. No entanto, a eficácia da comunicação visual só pode ser alcançada através de estudo, e não por meio da intuição e do acaso. De acordo com a imagologia, a imagem não é mais o que o olhar apreende, mas qualquer segmento da vida.

Para haver aprendido com a linguagem visual, os seres humanos devem considerar inúmeros componentes, como „o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento“⁶. Ler requer considerar o global. Todavia, hoje, nota-se a dificuldade, sentida pelos alunos, na leitura de uma imagem, embora a linguagem visual esteja presente em toda parte. Segundo Lúcia Pimentel Góes, falta-lhes o “olhar de descoberta”⁷, a capacidade de apre(e)nder e devolver as informações de uma forma inteiramente nova.

Segundo a autora, a leitura é „operação que faz surgir sentidos no texto, sendo o leitor co-produtor ou co-autor do texto, visto ser ele quem concretiza esses sentidos e deles se apossa“⁸. Em *Cibermãe*, saber ler, percebendo todas as nuances verbais e não-verbais, faz brotar infinitos significados no livro, concretizados pelo próprio leitor na prática do „olhar de descoberta“.

Neste trabalho, vamos discutir o fato de que tanto a linguagem verbal quanto a não-verbal serem consideradas imagens, com as quais podemos construir informações. Para isso, o tema **Analfabetismo Visual** é uma questão fundamental para este estudo.

⁵ DONDIS, A Donis. *Sintaxe da linguagem visual*, 1997, p. 7.

⁶ Idem, *Ibidem*, p.51.

⁷ GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens*, 2003, p. 19.

⁸ Idem, *Ibidem*, p. 20.

Do latim tardio **analphabētus**⁹, a palavra analfabetismo significa muitas vezes alguém que não domina a modalidade de leitura e escrita da língua. Nesse trabalho, a palavra analfabetizado ganha uma roupagem nova, referindo-se tanto ao verbal quanto ao visual. Assim, o analfabeto visual é o indivíduo que não domina a leitura de texto e de imagem.

O alfabetismo significa participação, e transforma todos que o alcançaram em observadores menos passivos.(...) o alfabetismo visual (...) eleva nossa capacidade de avaliar acima da aceitação (ou recusa) meramente intuitiva de uma manifestação visual qualquer.¹⁰

Segundo Dondis, cabe à alfabetização visual „construir um sistema básico para aprendizagem, a identificação, a criação e a compreensão de mensagens visuais que sejam acessíveis a todas as pessoas“¹¹, de forma não-hierárquica. Ler uma imagem não significa apenas passar os olhos nas figuras, mas compreender alguns pormenores, sugeridos pelo pintor ou pelo fotógrafo.

O primeiro capítulo do livro *Sintaxe da Linguagem Visual* começa com a pergunta: “Quantos de nós vêem?”¹². Na verdade, muitos são os jovens que lêem, mas poucos são os que compreendem a leitura. O mesmo processo ocorre com a imagem. Em *Cibermãe*, a imagem não aparece como mero auxiliador da linguagem verbal. Elas falam por si através de mecanismos próprios para transmitir a mensagem, pois „ver passou a significar compreender.“¹³

Expandir nossa capacidade de ver significa expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual. A visão envolve algo mais do que o mero fato de ver ou de que algo nos seja mostrado. É parte integrante do processo de comunicação, que abrange todas as considerações relativas às belas-artes, às artes aplicadas, à expressão subjetiva e à resposta a um objetivo funcional.¹⁴

Em geral, nos textos impressos, a linguagem verbal adquire importância maior do que a não-verbal. Já „nos modernos meios de comunicação acontece exatamente o contrário. O visual predomina, o verbal tem a função de acréscimo“¹⁵. No entanto, esse pensamento não considera o sentido de ambos serem polissêmicos e percorrerem caminhos de descoberta e

⁹ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005. p. 43.

¹⁰ DONDIS, A Donis. *Sintaxe da linguagem visual*, 1997, p. 231.

¹¹ Idem, Ibidem, p. 3.

¹² Idem, Ibidem, p. 5.

¹³ Idem, Ibidem, p. 13.

¹⁴ Idem, Ibidem.

¹⁵ Idem, Ibidem, p. 12.

espaços de escolha. Dessa forma, percebe-se que a intertextualidade está presente tanto nos meios eletrônicos quanto no papel impresso.

Em *Cibermãe*, as linguagens (verbal ou não-verbal) não se sobrepõem uma a outra. Ambas trabalham para compôr harmoniosamente cada página do livro. A representação das palavras transmite uma informação, assim como as imagens fotográficas. Ambas significam muito mais do que se complementarem, pois são a própria mensagem.

Segundo Dondis, entendemos a imagem através da representação, do simbolismo e da abstração. A representação de uma imagem seria o ícone, formada por elementos básicos elementares. Já „a abstração voltada para o simbolismo requer uma simplificação radical, ou seja, a redução do detalhe visual a seu mínimo irreduzível. Para ser eficaz, um símbolo não deve ser apenas visto e reconhecido: deve ser lembrado, e mesmo reproduzido.“¹⁶

Para Santaella, o mundo das imagens abrange as representações visuais e mentais. A primeira refere-se aos „desenhos pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas“¹⁷. Já na segunda, „as imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou em geral como representações mentais.“¹⁸

Em *Cibermãe*, o autor brinca com essas duas formas de representação. A primeira explora a parte gráfica das palavras, com negrito, itálico, cores e tamanhos. Além do lado gráfico, há o predomínio da fotografia no livro, que possui „uma característica que não compartilha com nenhuma arte visual—a credibilidade“¹⁹, ainda que não consiga reproduzir a ampla visão periférica do olho.

A fotografia é dominada pelo elemento visual em que interagem o tom e a cor, ainda que dela participem a forma, a textura e a escala. (...) Em conjunto, os elementos visuais essenciais da fotografia reproduzem o ambiente e qualquer coisa, com enorme poder de persuasão“²⁰

A forma com que o livro foi produzido remete-nos a uma espécie de **fotonovela cibernética**. Considerada como um subgênero da literatura, a fotonovela é produzida para consumo rápido, sem maior preocupação artística. Segundo Isabel Galucho, „têm como finalidade a transmissão dos princípios éticos, morais e sociais concordantes com o sistema de valores da ideologia dominante através da integração da mulher na sociedade urbana“²¹. Seus planos e enquadramentos são quase sempre retirados do cinema. No entanto, *Cibermãe*

¹⁶ Idem, Ibidem, p. 91.

¹⁷ SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*, 2005, p. 15.

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ DONDIS, op.cit., p. 216.

²⁰ Idem, Ibidem, p. 215.

²¹ GALUCHO, Isabel. *Fotonovela*. << <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>>>

foge à regra, pois sua produção é notadamente brilhante, tanto pelo cuidado com a linguagem verbal quanto com a não-verbal, como já foi comentado anteriormente.

Conforme Santaella, a segunda forma de representação é a mental. Além dos diversos modos de se trabalhar o visual no livro, *Cibermãe* também discute imagens mentais da nossa infância, rememoradas através do enredo, questões a serem tratadas no próximo item. Dessa forma, o livro propõe ao leitor o exercício da alfabetização, tanto verbal quanto não-verbal, no aprofundamento da leitura.

3-A viagem pela literatura

Embora os antigos contos de fadas de nossa infância continuem a pronunciar suas palavras mágicas, é fato que a forma como são contados tende a mudar, refletindo o contexto cultural em que se inserem.²²

Os clássicos da literatura universal desde sempre são retomados através de novas formas narrativas. Em todas elas, o fascínio, sentido pelo leitor, permanece. Em *Cibermãe*, podemos perceber vários contos, inseridos na história. O livro é uma grande viagem pela tecnologia, pela arte e pela literatura. Através do recurso da fotografia, a história remete-nos a vários clássicos da literatura universal, como *A bela adormecida*, *Odisséia*, *Viagem ao centro da terra* e *Alice no país das maravilhas*. A proposta desse trabalho é apontar, de forma sucinta, algumas viagens por esses clássicos, pois não é nosso intuito esgotar possibilidades de análise de *Cibermãe*.

Neste livro, rememora-se a história da menina Alice na cena em que as personagens escapam dos anti-vírus pelo buraco da pia: “Só deu tempo de agarrarem a imagem do bichinho e fugirem pelo buraco do cano; **já se ouviam os gritos dos antivírus.**”²³ Há, no livro, algumas pontes entre o mundo virtual e o não-virtual, como os „propulsores virtuais“ ou a cena em que descem pelo **modem** do computador²⁴.

César, Lili e Félix se preparavam para a grande viagem descendo pelo velho modem de Ulisses, o aparelho que permite a circulação de informações por meio dos fios telefônicos. O momento favorecia o sentimentalismo. Ao despedir-se dos visitantes inesperados, Ulisses sentiu um certo tremor na voz que o surpreendeu. Mas as crianças nem tiveram tempo de mostrar sua emoção.²⁵

²² BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. *No vaivém ,da lançadeira: o retorno do sagrado na literatura infantil/juvenil*. 2000, p. 89.

²³ As marcações em itálico são próprias do livro *Cibermãe*, p.27.

²⁴ Nesse trecho, podemos fazer referência ao fragmento do livro de Carroll (1997,14): “Ou o poço era mesmo fundíssimo, ou então ela é que caía devagar demais, porque dava tempo para olhar perfeitamente em volta e ficar imaginando o que vinha em seguida.” Ambas, Alice e Lili, descem um buraco de forma despreocupada.

²⁵ JARDIN, Alexandre. *Cibermãe*. 1998, p.40.

O ambiente em que os três penetraram remete-nos à história de Júlio Verne, escritor clássico de ficção científica. Assim como em seu livro *Viagem ao centro da terra*²⁶, três personagens exploram um novo ambiente de forma extraordinária. Em *Cibermãe*, contudo, essa viagem ocorre no centro do computador, Ulisses: „**No fim do túnel, o trio descobriu de repente o coração da máquina**, uma enorme depressão na qual palpitava a alma de Ulisses“²⁷. O texto recebe a contribuição da fotografia, que retrata todo aparato de uma máquina antiga.

„Bruscamente, a temperatura começou a subir.

O ar ficou carregado de vapor e fumaça. Assustados, eles correram para o avesso da tela, procurando sair da máquina, cuja temperatura continuava subindo“²⁸

No livro de Alexandre Jardin, uma das partes do computador é marcada pela imagem de um círculo coincidentemente no centro do livro. Assemelha-se à uma roda ou olho gigante, que irradia luz. Na verdade, é uma parte fundamental do computador Ulisses, para conectar-se à rede Internet.

Ulisses resfriou ligeiramente seus chips e contou aos meninos, surpresos, que **os computadores conectados à rede internet fazem parte da grande comunidade eletrônica do ciberespaço**, onde vigora uma nova fraternidade universal. Quando um modesto micro precisa ampliar sua capacidade ou pedir socorro a um programa especial, os mais potentes, em Paris, Tóquio ou Chicago, não deixam de ceder sua potência disponível ou sua competência!²⁹

As personagens seguem à procura pela mãe, agora no Ciberespaço. Com a digitalização, as crianças entram num site, onde recuperam „a sensação de si próprios, o raciocínio, assim como a faculdade de sentir. Nada havia mudado.“³⁰ O reencontro com a imagem da mãe está cada vez mais próximo. Nessa altura da narrativa, o livro rememora a *Bela adormecida* através da imagem de Lúcia. A imagem da mãe é guardada por Jones, sobre uma espécie de “sarcófago eletrônico”³¹. Lúcia, então, transfigurou-se virtualmente na princesa e os filhos, no príncipe encantado. Nesse momento, a aparição da mãe eliminou a sensação de solidão e desamparo, sentida pelas crianças. O beijo, em *Cibermãe*, é retratado

²⁶ Fazemos a transcrição do trecho do livro de Verne (2004, 198) para melhor representação mental do leitor: “Por vezes o ar nos cortava a respiração. O calor aumentava de um modo inquietante e já deveria andar pelos quarenta graus.”

²⁷ JARDIN, Alexandre. *Cibermãe: uma viagem extraordinária dentro do computador*, 1998, p. 26.

²⁸ Idem, Ibidem, p. 28.

²⁹ Idem, Ibidem, p. 31.

³⁰ Idem, Ibidem, 46.

³¹ Idem, Ibidem, p. 56.

pela voz, que tem a finalidade de despertar Lúcia da **hibernação**.³²

Ao som de sua voz, o arquivo se abriu e a imagem virtual da mãe apareceu. Lili perdeu o fôlego. César ficou boquiaberto. Felix mais ainda. Lúcia sorriu para eles. Certos momentos no ciberespaço se parecem com a vida real – e aquele pareceu o mais real de todos.³³

Outra história a que o livro faz referência é *Odisséia*³⁴, pois também ambas retratam uma viagem extraordinária, em que os heróis deparam-se com muitos obstáculos. Em *Cibermãe*, deseja-se reencontrar Lúcia, transfiguração da Penélope homérica. Assim, as crianças buscam a imagem da mulher e seu lado materno, acolhedor, de onde provém cor e vitalidade. O reencontro das crianças com a mãe ao final da narrativa significa o retorno à infância, ao início de tudo.

As crianças então perceberam que nunca mais estariam sozinhas, que sempre seriam ouvidas, mesmo que não falassem. Era possível, naquele universo virtual, voltar à vida. Nada neles ficaria morto. Ao encontrar de novo a mãe, era a própria infância que estavam reencontrando.³⁵

Benedito Nunes considera a criança como um retorno ao passado, às origens, mas também como “um prenúncio de um novo ser”³⁶. As personagens, em *Cibermãe*, percorrem caminhos que as impulsionam a novas descobertas. Por outro lado, esse caminhar também significa retornar à literatura clássica, pois há cenas no livro que se assemelham muito a algumas situações ocorridas nos contos clássicos, como a questão da Mãe-Bela adormecida ou a viagem fantástica.

Essa consciência só é possível, porque o leitor possui representações mentais de alguns contos, por permearem desde sempre nosso imaginário. Isso é positivo na medida em que lança novas formas de desenvolver a potencialidade das personagens e do próprio leitor.

³² Trecho extraído de GRIMM (2001, 66): “E lá a encontrou, profundamente adormecida tão linda que ele não conseguia tirar dela os olhos e, curvando-se, beijou-a. Mas no instante em que a beijou, a menina despertou, abrindo os olhos, e sorriu para ele.”

³³ Idem, Ibidem, p. 58.

³⁴ Em HOMERO (sd, 182), extraímos uma passagem em que percebemos a busca de Ulisses e a espera de sua mulher, Penélope: “— Mulher, ambos tivemos nossa medida cheia de provações; tu aqui aguardavas meu regresso, entre angústias e lágrimas, enquanto Zeus e os demais deuses me retinham cruelmente longe da terra natal.”

³⁵ JARDIN, Alexandre. *Cibermãe: uma viagem extraordinária dentro do computador*, 1998, p. 58.

³⁶ NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*, 1976, p. 163.

Conclusão

A proposta de *Cibermãe* é viajar pela literatura, rememorando lugares, acontecimentos, também presentes nos clássicos universais. Para tanto, utiliza a tecnologia tanto como um avanço para a sociedade, quanto um progresso que muitas vezes significa retorno, ao que é primordial.

No entanto, tal retorno não deve ser entendido de forma nostálgica, mas como semente para novas possibilidades de crescimento das personagens na história. O **Ciberespaço**, então, serve para fortalecer as relações entre seres virtuais e não-virtuais, de forma positiva, desde que o **internauta** tome as devidas precauções, já que no espaço virtual, as informações não estão totalmente seguras.

Cibermãe permite que a literatura seja um meio de viajar pelas diversas formas de representação verbal e não-verbal, contribuindo, assim, para nossa alfabetização nesses ramos. Esses dois espaços co-existem de forma harmônica no livro, trabalhando o exercício de um novo olhar.

Esse exercício mostra a necessidade de o leitor buscar o “olhar de descoberta”. A cada nova percepção visual dos signos e suas combinações, apre(e)ndemos melhor o mundo. Além disso, é possível desfrutar o prazer de rememorar alguns clássicos da literatura universal. Dessa forma, *Cibermãe* é um convite a exercitar formas de ler visuais e verbais, fazendo com que o leitor “quebre o que lê em mil pedaços, sem quebrar o livro onde o ler circula.”³⁷

Referências Bibliográficas

- [1] BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. *No vaivém ,da lançadeira: o retorno do sagrado na literatura infantil/juvenil*. São Paulo, USP, 2000. (Dissertação de Mestrado)
- [2] CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Trad. Ana Maria Machado. Il. Jô de Oliveira. São Paulo, Ática, 1997.
- [3] CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005.
- [4] DONDIS, A Donis. *Sintaxe da linguagem visual*. [Trad. Jefferson Luiz Camargo]. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- [5] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *MiniAurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba, Positivo, 2006.
- [6] GALUCHO, Isabel. *Fotonovela*. << <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>>> (último

³⁷ Maria Gabriela Llansol. *Um beijo dado mais tarde*, 25

acesso, 30/05/2007)

- [7] GRIMM, Jacob. *A bela adormecida*. Trad. Zaida Maldonado. Porto Alegre, L&PM, 2001.
- [8] GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens*. São Paulo, Paulinas, 2003.
- [9] HOMERO. *Odisséia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo, Círculo do Livro S.A., sd.
- [10] JARDIN, Alexandre. *Cibermãe: uma viagem extraordinária dentro do computador*. Trad. Estela dos santos Abreu. São Paulo, Moderna, 1998.
- [11] LLANSOL, Maria Gabriela. *Um beijo dado mais tarde*. Lisboa, ed. Rolim, 1990.
- [12] NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- [13] SANTAELLA, Lúcia. *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo, Experimento, 1993.
- [14] _____. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo, Paulus, 2004
- [15] _____ & NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 2005.
- [16] VERNE, Júlio. *Viagem ao centro da terra*. Trad. Abílio Costa Coelho. São Paulo, Martin Claret, 2004.

¹ **Danielle de Paiva Lopes. Mestre em Literatura Portuguesa e Especialista em Literatura Brasileira, ambos pela UFRJ.**
paivasalazar@yahoo.com.br